



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Letras e Artes  
Faculdade de Letras

*GULLIVER'S TRAVELS* E AS NARRATIVAS DE VIAGEM

Vitória Ingrid dos Santos da Silva

DRE: 118034789

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em Letras na habilitação  
Portugues -Inglês

Orientadora: Profa. Doutora Tatiana Oliveira  
Ribeiro

Rio de Janeiro

2023

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

SILVA, Vitória Ingrid dos Santos da. *Gulliver's Travels* e as Narrativas de Viagem. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2023.

Banca Avaliadora:

\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Tatiana Oliveira Ribeiro (presidente, Letras-UFRJ)      Grau: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Grau: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Grau: \_\_\_\_\_

Média: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Presidente da Banca

UFRJ, segundo semestre de 2023

### CIP - Catalogação na Publicação

S586g Silva, Vitória Ingrid dos Santos da  
GULLIVER'S TRAVELS E AS NARRATIVAS DE VIAGEM:  
TRAJETÓRIAS DE UM GÊNERO / Vitória Ingrid dos Santos  
da Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.  
36 f.

Orientadora: Tatiana Oliveira Ribeiro.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Inglês, 2023.

1. Narrativas de Viagem. 2. Sátira. 3.  
Verossimilhança. 4. Novel. I. Ribeiro, Tatiana  
Oliveira, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de estudar e me formar na instituição dos meus sonhos e por estar comigo em todos os momentos de dificuldade que enfrentei ao longo dos meus estudos.

À minha orientadora, Professora Tatiana Ribeiro, por todo o apoio e companheirismo desde o segundo período da minha graduação. Sua presença, seus conselhos e ensinamentos foram essenciais para que eu continuasse os meus estudos em inglês e nos textos clássicos. Orientar é mostrar o caminho, e isso a senhora faz com maestria. É uma honra aprender contigo.

Aos meus pais, Anderson e Vanuza, pois vocês sempre me incentivaram a realizar meus objetivos e sonhos. Muito obrigada pelo suporte, pelas conversas, pela amizade, e, principalmente, por terem me dado destino. Este trabalho é completamente dedicado a vocês.

Ao Professor Henrique Cairus, que me apresentou ao Programa de Estudos em Representações da Antiguidade (PROAERA) no início da minha graduação, quando eu ainda estava aprendendo a ler os textos clássicos. Nunca irei me esquecer de suas leituras da Ilíada, das aulas de grego, e nem de nossas reuniões às quartas-feiras depois do almoço. Obrigada por todos os ensinamentos e pela parceria.

Aos meus companheiros do PROAERA, em especial à Daniela Batista e à Fernanda Jardim, que são pessoas muito especiais pra mim. Estudar e participar das atividades com vocês foi bem mais divertido. Fico feliz em poder acompanhar e me alegrar com os projetos de todos. O PROAERA não é apenas um grupo de pesquisa, mas uma grande família.

Também quero agradecer ao meu marido, Vitor Hugo Fonseca, que é um parceiro para a vida toda. Obrigada por me ajudar, por me apoiar nos momentos difíceis e por estar presente em tudo o que é importante para mim. Você é um dos melhores presentes que Deus me deu, e eu espero compartilhar com você muitas alegrias e conquistas. Eu te amo!

Vocês moram no meu coração.

Falsehood flies, and truth comes limping after it, so that when men come to be undeceived, it is too late; the jest is over, and the tale hath had its effect: like a man, who hath thought of a good repartee when the discourse is changed, or the company parted; or like a physician, who hath found out an infallible medicine, after the patient is dead.

Jonathan Swift, *The Examiner*, n° XIV, 1710. 5

## SUMÁRIO

	Página
1. Introdução	7
2. As Narrativas de Viagem no Século XVIII inglês	10
3. <i>Gulliver's Travels</i> e as Narrativas de Viagem Imaginárias	14
4. Veracidade e Verossimilhança em <i>Gulliver's Travels</i>	21
5. Considerações finais 32 6. Referências bibliográficas	32

## 1. Introdução

Gulliver's Travels é de longe a obra mais popular de Jonathan Swift (1667-1745) e veio a público no dia 28 de outubro de 1726. O livro, que logo no início se tornou conhecido entre os ingleses, apresentava um título diferente do que se conhece hoje: *Travels Into Several Remote Nations of the World*.

No início, Swift decidiu não assumir a autoria da obra, e, a partir dos moldes de narrativas de viagens populares no século XVIII, o personagem principal narra suas experiências em lugares remotos e distintos, e que apresentavam costumes outros, sempre propondo uma reflexão a partir da comparação entre os hábitos ingleses e os estrangeiros. A fim de manter o anonimato da obra, o autor foi indicado da seguinte maneira: "Lemuel Gulliver, first a Surgeon, and then a Captain of several Ships" e o nome de Swift nem constava na capa.

Apesar de todos os esforços do autor para manter o anonimato de GT, Gulliver rapidamente se tornou o assunto da cidade e, em pouco tempo, a autoria de Swift deixou de ser um segredo. Não demorou muito para que as aventuras de Gulliver se tornassem um clássico, chegando até mesmo a rivalizar por quase três séculos com outras duas obras populares do período: *The Pilgrim's Progress* (1678), de John Bunyan, e *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (Hunter, p.216, 2003).

A obra é dividida em quatro partes, e cada uma delas equivale a uma viagem realizada por Gulliver a um lugar distinto. Em cada um desses lugares Gulliver não apenas se pretende a conhecer a língua e os hábitos de cada povo, mas também se propõe a fazer uma descrição detalhada a respeito de cada lugar.

Na primeira parte da obra, Gulliver, ainda cirurgião, apresenta suas motivações com relação à viagem e seu interesse em conhecer novos espaços. Ele se dedicou por um tempo aos estudos de navegação, de física e matemática com o intuito de se preparar para enfrentar os oceanos. Em uma de suas primeiras aventuras no mar, ele sofre um naufrágio e vai parar em Lilliput, um lugar povoado por criaturas minúsculas que mediam 6 polegadas (aproximadamente 15, 24cm), mas que eram civilizados e apresentavam todo um sistema de leis e de costumes que levaram Gulliver à reflexão sobre os hábitos ingleses e europeus. Diante deles, Gulliver era um gigante, e ele foi mantido como prisioneiro por um certo período de tempo até que os Liliputianos decidissem o libertar para apresentar ao viajante inglês suas particularidades relacionadas ao convívio entre os habitantes, as leis, a política e os costumes.

A viagem à Brobdingnag é a segunda aventura de Gulliver em terras estrangeiras, e acontece dez meses após o seu retorno para a Inglaterra. Na ocasião, são as mesmas situações de adversidades no mar, por causa de uma tempestade, que o leva a esse novo espaço. Agora, em Brobdingnag, Gulliver encontra o oposto do que ele conheceu em Lilliput. Com relação ao tamanho dos habitantes, em Lilliput a escala era de um para doze, mas em Brobdingnag é o contrário: a escala era de doze para um. Ou seja, nesse novo lugar, Gulliver é um ser pequeno se comparado aos habitantes, que, em seus relatos, são apresentados como “barbarians, monsters, huge creatures” (Rivero, p. 72-73, 2002). Por causa de seu tamanho e de suas características, Gulliver se torna um objeto de exibição em Brobdingnag e sempre fica em apuros, pois nesse local, diante das diferenças entre o seu tamanho e dos demais, tudo se torna muito perigoso. No entanto, ao falar da Inglaterra e de alguns hábitos sociais e políticos para o rei de Brobdingnag, ele se surpreende. Pois, o rei, ao discursar sobre a situação enfrentada pelos ingleses, mostra a Gulliver o quão pernicioso eram os hábitos e os costumes encontrados na Inglaterra. Ele fica por dois anos nesse lugar habitado por gigantes antes de partir para outro país.

A terceira parte da obra apresenta os relatos da viagem à Laputa, uma ilha flutuante. As circunstâncias que levam Gulliver para Laputa são diferentes das outras duas viagens: ele é sequestrado por piratas e lá ele encontra um povo diferente de todos os outros conhecidos por ele até esse momento. Os Laputianos possuíam uma forte relação com a astronomia e a matemática, e essa relação era tão forte que até os alimentos eram cortados na forma de figuras geométricas. Ao se referir aos Laputianos, Gulliver sempre reforça o quão diferentes eles são, um povo repleto de qualidades. Apesar de engrandecer essas características, Gulliver destaca o quanto os Laputianos eram envolvidos em especulações, e, ainda durante suas aventuras nesse novo espaço, ele visita outros espaços como Balnibarbi, Lagado, Maldonado e Glubbdubdrib, que é a ilha dos mágicos. Aqui Gulliver encontra diversos homens da antiguidade: Alexandre, o grande, Aníbal, César, Brutus, Homero e Aristóteles. Nessa parte, ele apresenta uma reflexão sobre a degeneração da raça humana e dos homens que ocupam posições nobres.

A última parte da obra é uma viagem ao país dos Houyhnhnms, seres dotados de razão, virtuosos, que não sabem o que é o mal e que se assemelham aos cavalos. Suas virtudes principais são a amizade e a benevolência; eles fazem questão de preservar a decência e a civilidade entre si. No entanto, o primeiro ser que Gulliver encontra ao chegar a esse país são os Yahoos, que são apresentados por ele como seres brutos, nada civilizados. No entanto, ao



longo da viagem, apesar de tentar manter as diferenças entre eles, Gulliver percebe que ele não se difere tanto dos Yahoos. E essa constatação é ainda mais ressaltada quando uma Yahoo fêmea, ao vê-lo tomar banho num rio, tenta agarrá-lo. A partir daí, Gulliver faz de tudo para se parecer cada vez mais com os Houyhnhnms, e passa a andar e a imitar os sons de um cavalo. Ele chega a conclusão que os homens de seu país, sua família, são como os Yahoos e começa a criar uma aversão contra os seres humanos. Essa aversão foi tão grande que, ao retornar para Inglaterra, ele não consegue habitar com seus familiares e se recolhe em um estábulo para ficar com os cavalos. Seu encontro com os Houyhnhnms mostrou que o outro, apesar de parecer estranho, às vezes pode ser melhor do que normalmente é admirado e enaltecido entre os seres humanos. Muito mais do que uma narrativa de viagem, *Gulliver's Travels* apresenta uma reflexão sobre os costumes ingleses, sobre a veracidade dos autores de viagem e sobre a influência que os relatos apresentados pelos autores podem causar num povo, numa sociedade.

## 2. As Narrativas de Viagem no Século XVIII inglês

Ao longo do século XVIII, na Inglaterra, a viagem se tornou uma atividade realizada com o intuito de conhecer, aprender e explorar. De acordo com Black (1985), os principais destinos europeus eram a França e algumas cidades da Itália, como Roma, Veneza, Florença, e Nápoles, regiões que possuíam um prestígio cultural particular para a realização do *Grand Tour*. Apesar da presença de viajantes que pertenciam a outros países, o número de ingleses surpreendeu os habitantes dessas regiões. Em 1751, o jornal *Newcastle Courant* apresentou um relato vindo de Roma que dizia:

The English Lords and Ladies which are in this City, are so numerous as to be able to form amongst themselves a society as considerable as that of the Roman Noblesse. They have hired for that purpose a Palace, where there is every Evening an Assembly for Play, a concert of musick, and a supper.

(Newcastle Courant, 26 jan., 1751.)

Apesar dos propósitos apontados acima, vale ressaltar que diversas motivações poderiam inspirar os viajantes a se deslocarem para outros países, no entanto, ao mesmo tempo, cada indivíduo levava consigo a consciência de serem cidadãos de uma nação a qual os valores, costumes e hábitos os diferenciavam dos demais povos (Fabricant, 2008).

Assim como na Antiguidade alguns povos se denominavam superiores aos outros a partir de suas práticas conviviais, alguns autores de narrativas de viagem no século XVIII inglês também exaltavam sua terra ao compará-las com as regiões estrangeiras. Tobias Smollett (1721-1771), em sua obra intitulada *Travels Through France and Italy* (1766), ao comparar o Rio Tibre e o Rio Tâmisa, afirma que o primeiro não passa de um riacho. Ao se referir à Inglaterra, Smollett apresenta seu país como um lugar fértil e excelente para o desenvolvimento da agricultura, enquanto que na França as pessoas apresentavam sinais de pobreza, miséria e sujeira (Smollet, 1979).

A nível individual, a viagem também marcava a chegada da vida adulta. James Boswell (1740-1795), em sua obra intitulada *Boswell on the Grand Tour: Italy, Corsica, and France, 1765- 1766*, durante sua passagem pela Itália, afirma que

Nine months in this delicious country have done more for me than all the sage lessons which books, or men formed by books, could have taught me. It was

my imagination that needed correction, and nothing but travel could have produced this effect.

(Boswell, p.3, 1955)

O que Boswell destaca a partir de sua obra é também uma outra característica importante da viagem: o seu caráter educativo. No entanto, por se tratar de uma atividade cara e até mesmo perigosa, devido às adversidades enfrentadas durante o percurso, viajar era uma prática da classe média, oriunda, de acordo com Johnson (1977), de uma curiosidade natural em conhecer os costumes e as diferentes condições dos indivíduos que habitavam em regiões estrangeiras. Daniel Defoe (1660-1731) foi um dos primeiros autores que reconheceu a importância da viagem como meio de instrução, mesmo que esta fosse realizada de forma imaginativa. Em sua obra intitulada *The Compleat English Gentleman* (1890), o autor afirma que se um jovem não conseguisse viajar durante a sua juventude

he may make the tour of the world in books [...]. He may go round the globe with Dampier and Rogers, and kno' a thousand times more in doing it than all those illiterate sailors [...] He discovers America with Columbus, conquers it with the great Cortez, and replunders it with Sir Francis Drake.

(Defoe, p. 225-6, 1890.)

As narrativas de viagem tornavam acessíveis ao leitor as experiências do viajante, e, para além das experiências, o introduzia a uma alteridade antes desconhecida (Blanton, 2002). Entretanto, essa relação que é estabelecida costuma ser problemática, pois a partir da representação do outro, cria-se uma posição de superioridade: o viajante conhece e entende os novos hábitos e costumes que se apresentam diante dele, enquanto o outro é apenas um objeto de exploração que não entende e não conhece nada. De acordo com Flohr (1997), é importante ressaltar que durante o século XVIII as discussões a respeito dos conceitos de natureza, civilização, bárbaro, e selvagem formaram o repertório intelectual dos escritores de narrativas de viagem. Nesse período, duas teorias, que começaram a aparecer nas histórias naturais, foram discutidas com o intuito de compreender as diferenças existentes entre as culturas dos povos. Uma delas indicava que o clima e a geografia de um determinado local agiam no corpo humano, influenciando assim o comportamento dos indivíduos. A outra teoria estabelecia uma diferença entre a vida moral dos Europeus, que era considerada superior, e a

dos povos estrangeiros. No entanto, a teoria que relacionava o clima ao comportamento humano predominou durante o século XVIII. (Nussbaum, 1995)

Durante a Renascença, era comum encontrar relatos que se baseavam na Teoria dos Humores, os homens e as mulheres eram divididos entre frio e quente, seco e húmido. Porém, no século XVIII, essa teoria não ficou restrita apenas aos indivíduos, mas se estendeu para as diversas regiões do mundo. (Nussbaum, 1995) Na obra *Essay on the History of Civil Society* (1767), Adam Ferguson (1723-1816) afirma que a paixão é um sentimento mais forte em locais não habitados e conhecidos pelos europeus. Em sua formulação – assim como em outras histórias naturais produzidas nesse período, e especialmente durante o Iluminismo Escocês – climas quentes produziam o desejo sexual, enquanto que os climas mais temperados demandavam dos indivíduos um controle maior de seus impulsos. Da mesma forma que há uma mudança de temperatura entre regiões quentes e frias, os desejos humanos e relações sociais também se modificariam de acordo com o clima.

De acordo com Matos-Ayala (2018), a Escócia experienciou um crescimento econômico e demográfico durante o século XVIII. Antes do Ato da União (1707), os reinos da Inglaterra e da Escócia compartilhavam o mesmo monarca, mas apresentavam governos e parlamentos diferentes. O Ato da União foi promulgado pelo parlamento dos dois reinos e possibilitou a criação do Reino Unido da Grã-Bretanha, o que acarretou no fim da separação entre eles. Com isso, o acesso aos mercados britânicos e às novidades relacionadas à agricultura foram facilitados. As cidades se tornaram centros para discussões políticas, intelectuais e sociais voltadas para o desenvolvimento do reino e de seus habitantes. (Matos-Ayala, 2018)

Por causa disso, alguns intelectuais do período, entre eles David Hume (1711-1776) e Adam Smith (1723-1790), se voltaram para a obra de Montesquieu (1689-1755) intitulada *The Spirit of the Laws*, que teve sua primeira publicação no ano de 1748. Suas ideias expressas no texto guiaram os debates a respeito da caracterização da diversidade humana, impactando diretamente na abordagem das narrativas de viagem (Matos-Ayala, 2018). O autor mostra como as sociedades podem ser analisadas, comparadas e classificadas de acordo com as leis, o clima, os hábitos e os costumes, em vez de analisá-las apenas por meio da religião e dos valores cristãos, como era o costume do período. Ele diz que

Many things govern men: climate, religion, laws, the maxims of the government, examples of past things, mores, manners; a general spirit is formed as a result. To the extent that, in each nation, one of these causes acts

more forcefully, the others yield to it. Nature and climate almost alone dominate savages; manners govern the Chinese; laws tyrannize Japan; in former times mores set the tone in Lacedaemonia; in Rome it was set by the maxims of government and the ancient mores.

(Montesquieu, p. 310, 1989)

Como pode ser observado acima, Montesquieu também enfatiza o papel do clima como um fator que influencia a criação das leis. De acordo com Matos-Ayala (2018), o autor adiciona uma explicação fisiológica a respeito dos efeitos do clima nos seres humanos. O calor, por exemplo, causa fraqueza e perda de agilidade, enquanto que o frio produz um efeito positivo na musculatura e na flexibilidade do corpo. Para Montesquieu, os povos que habitavam regiões mais quentes costumam ser mais fracos, carnais e predispostos à subordinação. Por outro lado, os habitantes das regiões mais frias eram corajosos, resilientes, honestos e independentes. (Matos-Ayala, 2018)

John Millar (1735-1801), um outro autor popular desse período e o responsável por uma das obras mais importantes do Iluminismo Escocês intitulada *Origin of the Distinction of Ranks; or, An Inquiry into the Circumstances* (1779) também se utilizou da Teoria dos Humores para elaborar suas conclusões. Para Millar, climas tropicais encorajam a indolência, enquanto que as zonas mais temperadas promovem o vigor. O autor estudou de forma minuciosa algumas narrativas de viagem do período e as encarou como documentos que possibilitariam a formação de suas crenças a respeito dos demais povos em relação ao povo europeu. (Nussbaum, 1995)

A partir destes exemplos, é possível perceber como os relatos desses viajantes estabeleceram valores e pontos de vista que promoveram os interesses ingleses dentro e fora dos limites do país. A narrativa de viagem não só apresentou aos ingleses novas culturas e lugares nunca antes visitados, mas também apresentou àquela sociedade novas práticas e hábitos dos indivíduos que levavam uma vida fora dos padrões considerados elevados e superiores pelos europeus. Ao longo do século XVIII, as viagens eram incentivadas pela descoberta de conhecimentos científicos e geográficos, no entanto, não se pode esquecer das motivações políticas, militares e econômicas presentes nesse período (Fabricant, 2008).

### 3. *Gulliver's Travels* e as Narrativas de Viagem Imaginárias.

Na esteira de Gove (1961), por “viagem imaginária” entende-se aqui narrativas de cunho “autobiográfico”, que para além do deleite, procuram instruir e levar o leitor a uma reflexão crítica de hábitos locais e costumes seus, por meio da apresentação de espaços físicos e formas comportamentais de povos fictícios. Esse termo é aqui utilizado para diferenciar a obra de Swift das “narrativas de viagens”, textos que apresentavam relatos relacionados a lugares e povos reais, um gênero popular no século XVIII inglês. Gove apresenta ainda uma lista de 215 viagens imaginárias que foram produzidas na Inglaterra ao longo desse período. Com o desenvolvimento social e econômico da Inglaterra, pessoas de diferentes lugares começaram a se interessar em viajar para conhecer esse novo espaço. De acordo com Fabricant (2008), os fatores que contribuíram para o aumento das viagens pela Inglaterra foram o desenvolvimento do comércio no território, que facilitava a circulação de bens e de pessoas, e as *casas de campo*, que ficavam abertas para que os turistas conhecessem a culinária local e as riquezas de cada uma dessas casas. Com esses desejos correspondidos e estimulados, os turistas começaram a publicar guidebooks e mapas regionais. Pensando na reverberação desse gênero nas *Viagens de Gulliver*, de acordo com Higgins (2019), Swift "sequestrou" a forma das narrativas de viagem, para utilizá-la como o principal veículo de sua sátira, apesar de a obra apresentar uma mistura de gêneros: narrativas de viagem, viagens imaginárias, ficções de utopia e distopia, sátira, diálogo dos mortos, fábula, histórias *exempla*, e paródia do romance inglês (*novel*).

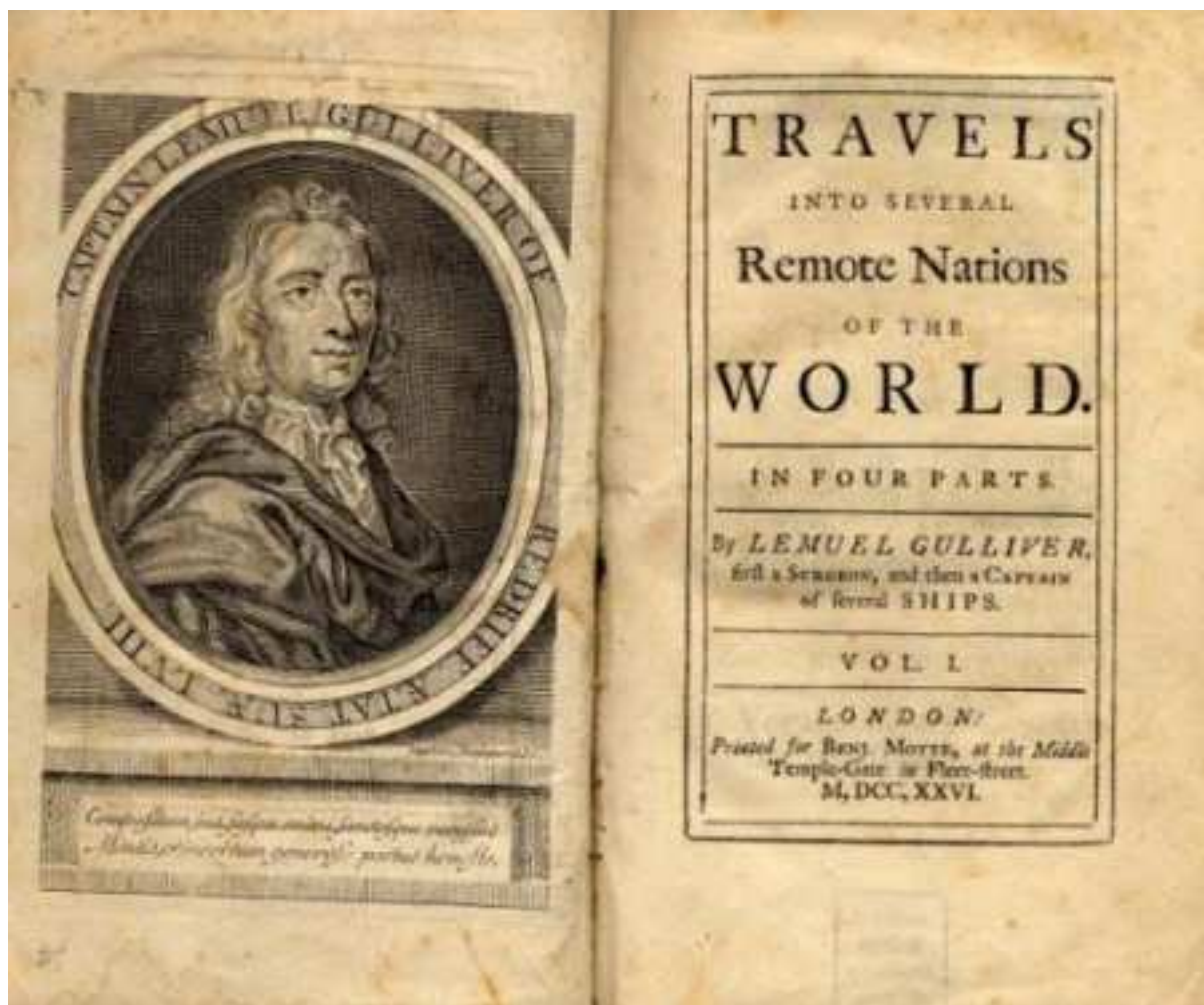
No que diz respeito ao reconhecimento das viagens imaginárias como gênero, foi em 1741 que a viagem imaginária chamou a atenção da Academia Francesa. François Moncrif, em seu escrito *Reflexões sobre algumas obras falsamente chamadas de obras de imaginação* (*Refléxions sur quelques ouvrages fausement appelés ouvrages d'imagination*), teceu alguns comentários relacionados às viagens imaginárias, aos romances baseados no maravilhoso, e aos contos de fadas. Para Moncrif, esses textos não são apenas o resultado de uma bela imaginação, mas são frutos de certos passos que são seguidos pelo autor da obra. Esse reconhecimento bibliográfico das viagens imaginárias na França do século XVIII contribuiu para a produção dos 36 volumes que constituem a publicação mais importante da história do gênero: as *Viagens Imaginárias, Sonhos, Visões e Romances Cabalísticos* (*Voyages Imaginaires, Songes, Visions, Et Romans Cabalistiques*) (1787), de Garnier. O autor escolheu 71 obras escritas originalmente em sete idiomas diferentes, e não incluiu as traduções de manuscritos persas e egípcios. De acordo com Gove (1961), a divisão que Garnier apresenta é

ilógica, pois algumas obras poderiam ser encaixadas em mais de um grupo. Porém, é necessário considerar que, nesse período, ninguém havia escrito uma história da ficção em diversos volumes, ou classificado obras literárias de acordo com suas características principais.

Na Inglaterra, o gênero de viagem imaginária só começou a ser discutido a partir do século XIX. Foi no ano de 1812 em que a obra *Popular Romances: Consisting of Imaginary Voyages and Travels*, de Henry Weber, foi publicada. De acordo com Gove (1961), o autor, que era assistente de Sir Walter Scott, seguiu os mesmos passos de Garnier. No mesmo ano, ele editou três volumes de Contos Orientais e os comparou com a edição francesa *O Gabinete das Fadas* (1785) (*Le Cabinet des Fées*), sem saber que Garnier era um dos editores. Weber foi o primeiro autor a apresentar aos leitores ingleses uma discussão a respeito das viagens imaginárias.

Dois anos após a primeira edição de Weber, em 1814, John Dunlop publicou em dois volumes a obra *História da ficção: um relato crítico das obras de ficção em prosa mais célebres, dos primeiros romances gregos aos romances da atualidade* (*History of Fiction: Being a Critical Account of the Most Celebrated Prose Works of Fiction, from the Earliest Greek Romances to the Novels of the Present Day*) (1814). Esse trabalho permaneceu como uma das primeiras obras mais importantes relacionadas à ficção em língua inglesa. De acordo com Gove (1961), Dunlop segue o plano de Garnier, mas teria dado pouca atenção ao gênero se a obra não existisse. O autor não faz referências aos trabalhos de Garnier e de Weber, mas a importância dos dois trabalhos é perceptível em sua obra. A abordagem que Dunlop faz dos textos de viagens imaginárias fez com que o gênero que já era conhecido na França, fosse apresentado aos ingleses.

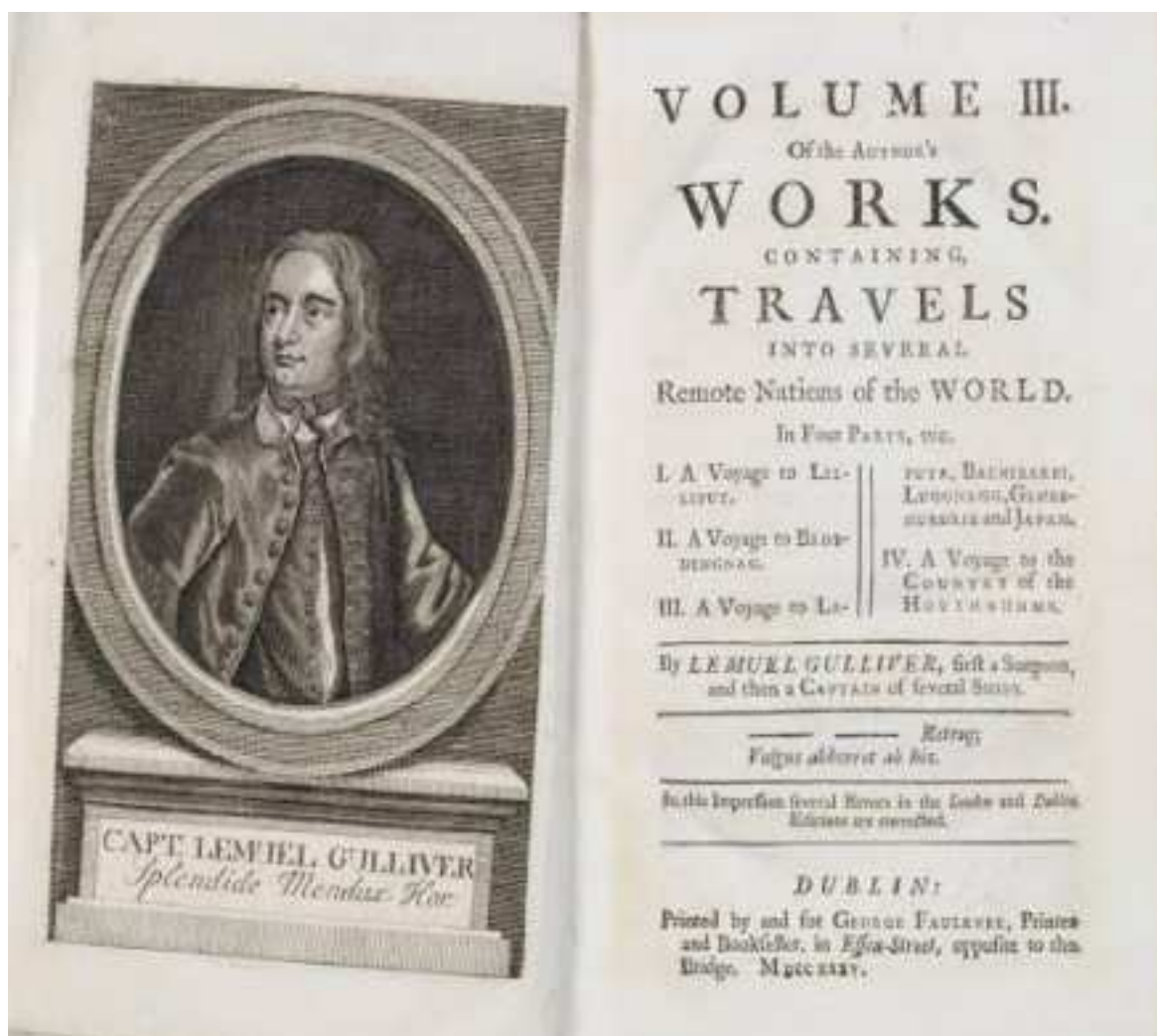
De acordo com Gove (1961), o século XVIII foi o período de maior circulação desse gênero literário, sobretudo na Inglaterra, dada a produção das narrativas de viagem que já circulavam desde o início do século. É nesse contexto que surgem algumas obras que apresentam uma narrativa de viagens a lugares imaginários, como *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.



*Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift  
(primeira edição por Benjamin Motte, Londres, 1726)  
*In:* <http://4umi.com/swift/gulliver/>

A obra foi publicada pela primeira vez em Londres no ano de 1726, e a versão revisada foi lançada em Dublin, no ano de 1735. Swift nasceu no ano de 1667, em Dublin, foi padre da Igreja Anglicana e deão da Catedral de São Patrício. Ele foi um escritor ativo na Irlanda e na Inglaterra desde a década de 1690 até os últimos anos de 1730, e veio a falecer no ano de 1745.





*Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift  
 (edição de Dublin, 1735, por George Faulkner)  
 In: <https://johnjburnslibrary.wordpress.com/2013/12/02/printing-swift/>

*As Viagens de Gulliver*, uma de suas obras principais, é dividida em quatro partes, uma para cada viagem: Lilliput, Brobdingnag, Laputa, e a Ilha dos Houyhnhnms. De todas essas partes, é na terceira viagem onde se encontram traços que se relacionam diretamente com a obra *Das Narrativas Verdadeiras*, de Luciano de Samósata, o “Gulliver grego”. A obra, de acordo com Sano (2008), é uma narrativa fantástica em primeira pessoa, e apresenta os relatos da viagem de Luciano, que é autor e narrador do texto, a espaços que estão para além do mundo conhecido. *Das Narrativas Verdadeiras* foi um texto difundido no Renascimento, período em que Luciano foi muito traduzido e imitado. De acordo com Robinson (1979), a obra inspirou diversas narrativas de viagem, como a *Utopia*, de Thomas Morus, *Gargantua e Pantagruel*, de Rabelais, *Uma Viagem à Lua*, de Cyrano e *As Viagens de Gulliver*, de Swift.

Nos relatos de Gulliver e na obra de Luciano é possível encontrar algumas tópicas que

estão presentes em narrativas de viagem. Com base no texto de Sherbo (2008), são elas as informações de navegação, os dados biográficos, e a descrição de espaços, costumes e seres exóticos. Todos esses detalhes contribuem para a construção de uma narrativa que parece verdadeira, repleta de informações que são empregadas no texto a partir das impressões do viajante. É comum que ele apresente sua opinião a respeito de outros relatos de viagem, e isso pode ser observado nas duas obras, como demonstram as passagens a seguir:

[3] [...] Também muitos outros, escolhendo como tema coisas desse tipo, teriam descrito suas próprias andanças e viagens, relatando o tamanho de feras, as crueldades dos homens e tipos inéditos de vida. O seu guia e mestre neste tipo de bufonaria é o Odisseu de Homero, que falou aos da corte de Alcínoo sobre a escravidão dos ventos, seres de um olho só, comedores de carne crua, homens selvagens e ainda sobre animais de várias cabeças e as transformações sofridas por seus companheiros sob o efeito de poções; foi assim que ele contou muitos fatos prodigiosos para homens simples, os feácios. [4] [...] É por esse motivo que [...] me voltei para a mentira, em muito mais honesta que a dos demais, pois ao menos nisto direi a verdade: ao afirmar que minto.

(Das Narrativas Verdadeiras, Tradução de Lucia Sano)

Assim, gentil Leitor, fiz-te um Relato fiel das minhas Viagens num período de dezesseis anos e mais de sete meses, em que cuidei menos de Ornamentos que da Verdade. Eu poderia, talvez, como outros, haver te surpreendido com Histórias estranhas e improváveis; porém resolvi relatar apenas Fatos puros, adotando a Maneira e o Estilo mais simples; porque meu Propósito principal era informar-te, e não divertir-te.

Para aqueles de nós que viajamos até Países remotos raramente visitados por *Inglese*s e outros *Europeus*, é fácil fazer Descrições de Animais maravilhosos do Mar e da Terra. Porém, o principal Objetivo de um Viajante deveria ser o de tornar os Homens mais sábios e melhores, e aperfeiçoar suas Mentes pelos bons e maus Exemplos colhidos em Sítios estrangeiros.

*As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Tradução de Paulo Henriques Britto. (p.400)

Nas duas passagens é possível perceber o descrédito que os relatos de viagens recebiam por parte de alguns leitores. Apesar de haver o testemunho de um viajante, algumas descrições maravilhosas, que fugiam do imaginário do homem europeu, eram difíceis de

serem tidas como reais. É por isso que nas duas obras, é possível perceber a brincadeira com os relatos a partir das descrições de lugares inconcebíveis.

[32] [...] Em pouco tempo, surgiu próxima a Ilha dos Sonhos, indistinta e pouco clara de se ver. Também ela era algo afetada pelos sonhos: ao nos aproximarmos, ela retirava-se, esquivava-se e para mais longe recolhia-se. [33] Em todo o seu entorno, há uma floresta cujas árvores são dormideiras altas e mandrágoras, sobre as quais havia uma grande quantidade de morcegos, pois na ilha há somente essa ave. Próximo dali corre um rio, o que era chamado por eles de Passagem Noturna, e há duas fontes ao lado das portas. Os nomes delas são, de uma, Desacordada e, de outra, Pernoite. O muro da cidade é alto e colorido, semelhante ao arco-íris na cor.

*(Das Narrativas Verdadeiras, II, 32-33. Tradução de Lucia Sano)*

Apesar das críticas que os dois viajantes apresentam a respeito das narrativas de viagem, ambos reproduzem o mesmo tipo de relato: falam de lugares que desafiam as leis da natureza. Na obra de Swift, principalmente na terceira parte, que é o relato de sua viagem a Laputa e às ilhas adjacentes, o autor utiliza muitas imagens e modelos que aparecem no texto de Luciano. Desde o diálogo dos mortos, e o encontro de Gulliver com heróis homéricos e homens importantes da Antiguidade, até a descoberta da ilha de Laputa, que flutua, como demonstra a passagem a seguir:

A Ilha Voadora ou Flutuante é perfeitamente circular, tendo um Diâmetro de 7837 jardas, isto é, cerca de quatro milhas e meia, e conseqüentemente tem uma área de dez mil acres. O fundo, ou a Superfície inferior, a qual é vista por aqueles que a olham debaixo, é uma única Placa uniforme de Diamante, com a altura de cerca de duzentas jardas. Acima dela jazem os diversos Minerais em sua ordem costumeira, e por cima de tudo uma Camada de Terra fértil com dez ou doze pés de profundidade.

*As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, p.258. Tradução de Paulo

Conclui-se que as narrativas de viagens imaginárias são estruturadas a partir do uso de certos dispositivos textuais que estão presentes nas narrativas de viagem. Essas tópicas, que fazem parte do imaginário do leitor, são exploradas de forma semelhante nas *Viagens de Gulliver*, de Swift, e em *Das Narrativas Verdadeiras*, de Luciano, embora ambas as obras apresentem propósitos distintos. A possível emulação do texto de Luciano na obra de Swift não se resume apenas aos relatos, ou nos tipos de viagens maravilhosas que são realizadas por Gulliver.

#### 4. Veracidade e Verossimilhança em *Gulliver's Travels*.

Como visto na seção anterior, a obra de Swift, após diversas tentativas de classificação, foi enquadrada no gênero de viagens imaginárias por alguns teóricos que discutiram a influência das narrativas de viagens nas obras de outros autores. Os pontos confluentes entre os dois gêneros são diversos, porém o que mais chamou a atenção dos leitores foram as descrições ricas em detalhes, que levavam o leitor a crer na veracidade do que foi relatado pelo autor-personagem. Essa percepção, no entanto, não foi determinante e a ideia de que as narrativas de viagem não eram textos dignos de crença começou a se popularizar no século XVIII, embora desde a Antiguidade alguns autores, como Luciano de Samósata, colocassem em xeque a veracidade dessas narrativas, satirizando-as.

A ideia de que escritores de relatos de viagem não contam a verdade em suas obras é anterior, assim, ao século XVIII. Porém, durante esse período, diversos autores polemizaram sobre as mentiras observadas nessas obras. Em 1711, em seu *Solilóquio, ou conselho a um autor*, o terceiro conde de Shaftesbury, Anthony Cooper, cita e endossa a declaração que Aristóteles faz sobre Homero de que “acima de todos os outros poetas ele soube como mentir” (Cooper, 1711, p. 346). Cooper se refere aqui ao trecho da *Poética* (1460a20) no qual o Estagirita afirma que Homero seria o mestre das falsidades bem ditas. Para Cooper, “fatos relatados, embora com a maior sinceridade e boa fé, podem revelar o pior tipo de engano, e meras mentiras, judiciosamente compostas, podem nos ensinar a verdade das coisas.”(Cooper, 1711, p. 346)



*Anthony Cooper,*  
por John Greenhill.  
Óleo sobre tela, 1672-1673.  
National Portrait Gallery

In:

<https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw05714/Anthony-Ashley-Cooper-1st-Earl-of-Shaftesbury>

De acordo com Adams (1983), em fins do século XVII, Pierre Bayle, em seu *Dicionário* (1697) defendeu que todos os leitores são enganados por escritores: "pelos Antigos, que mentiam espontaneamente; pelos Modernos, que foram cegados pelo prestígio dos Antigos". Posteriormente, em uma carta de 1739 enviada a Pope, Joseph Spencer, escritor e viajante, diz que "todos os viajantes são um pouco conhecidos por mentir." (Adams, 1983, p.82). A associação entre a mentira dos relatos e os viajantes foi tão forte que Richard Steele diz no *Spectator* n° 136 que 'mentiroso' se tornou palavra dura, e por isso o mais acertado seria chamá-lo de 'historiador' (Steele, 1711, p.205), pois ele não se contentava em narrar fatos ordinários.

Em *Das Narrativas Verdadeiras*, obra do séc II d.C., Luciano de Samósata, expoente da segunda sofística, declara que escreveu sua história baseando-se em algumas narrativas de viagens e outras historiográficas, como a *Odisseia*, de Homero, as *Histórias*, de Heródoto, e a *História da Pérsia*, de Ctésias de Cnido. Luciano, aqui satirista, diz o seguinte a respeito de tais obras:

22

Também muitos outros, escolhendo como tema coisas desse tipo, teriam descrito suas próprias andanças e viagens, relatando o tamanho de feras, as crueldades dos homens e tipos inéditos de vida. O seu guia e mestre neste tipo de Bufonaria é o Odisseu de Homero, que falou aos da corte de Alcínoo sobre a escravidão dos ventos, seres de um olho só, comedores de carne crua, homens selvagens e ainda sobre animais de várias cabeças e as transformações sofridas por seus companheiros sob o efeito de poções.

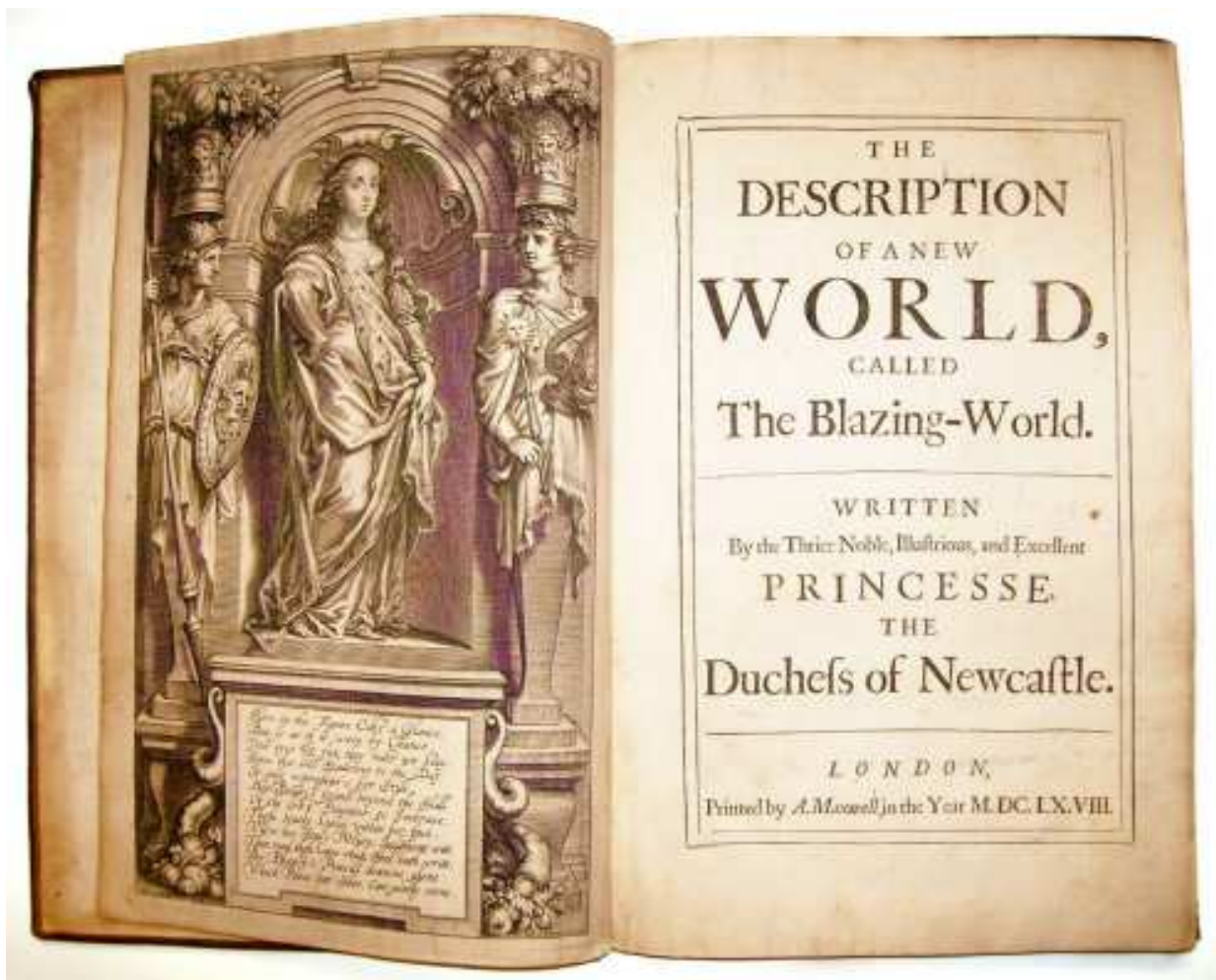
(*Das narrativas verdadeiras*, I, 3. Tradução de Lucia Sano)

É possível perceber que logo no início do texto a veracidade dessas obras (de Homero, de Heródoto, Ctésias) são colocadas em questão. Luciano utiliza padrões narrativos semelhantes aos desses poetas e prosadores ao criar suas próprias *Narrativas Verdadeiras*, e mostra que, apesar de toda a construção textual que faz com que o leitor acredite no que foi dito por cada um deles, algumas descrições e minuciosidades fogem à realidade plausível. São textos que se constroem a partir do princípio da verossimilhança, mas nem tudo ali soa verídico. Esse escrito de Luciano,

como lembra Sano (2008), é uma narrativa fantástica em primeira pessoa, e apresenta os relatos da viagem do samosatense, autor-narrador, a espaços que estão para além do mundo conhecido. *Das Narrativas Verdadeiras* foi um texto bastante difundido no Renascimento, período em que Luciano foi muito traduzido e emulado.

Uma das obras que, de acordo com Robinson (1979), foi instigada pelo texto de Luciano é *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. O texto foi publicado no ano de 1726, e se tornou uma das obras mais populares de Swift, apesar de suas outras produções satíricas, como *The Battle of the Books* (1704) e *A Tale of a Tub* (1704), terem alcançado grande êxito. Antes de analisar questões relacionadas à veracidade e à verossimilhança nas *Viagens de Gulliver*, é importante destacar alguns recursos narrativo-textuais populares desde o início do século XVIII, sendo boa parte deles oriundos de narrativas de viagens, edições de autores clássicos, biografias e histórias do século XVII.

De acordo com Barchas (1998), um dos recursos paratextuais mais proeminentes, por ser sempre encontrado no início de uma obra quase espelhada ao título, é o frontispício. Esse subgênero da tradição de longa data do retrato do autor emergiu como uma característica da produção de livros britânicos no século XVII. Eles geralmente apresentam um retrato emoldurado do 'autor' do livro com inscrições em latim ou em grego.



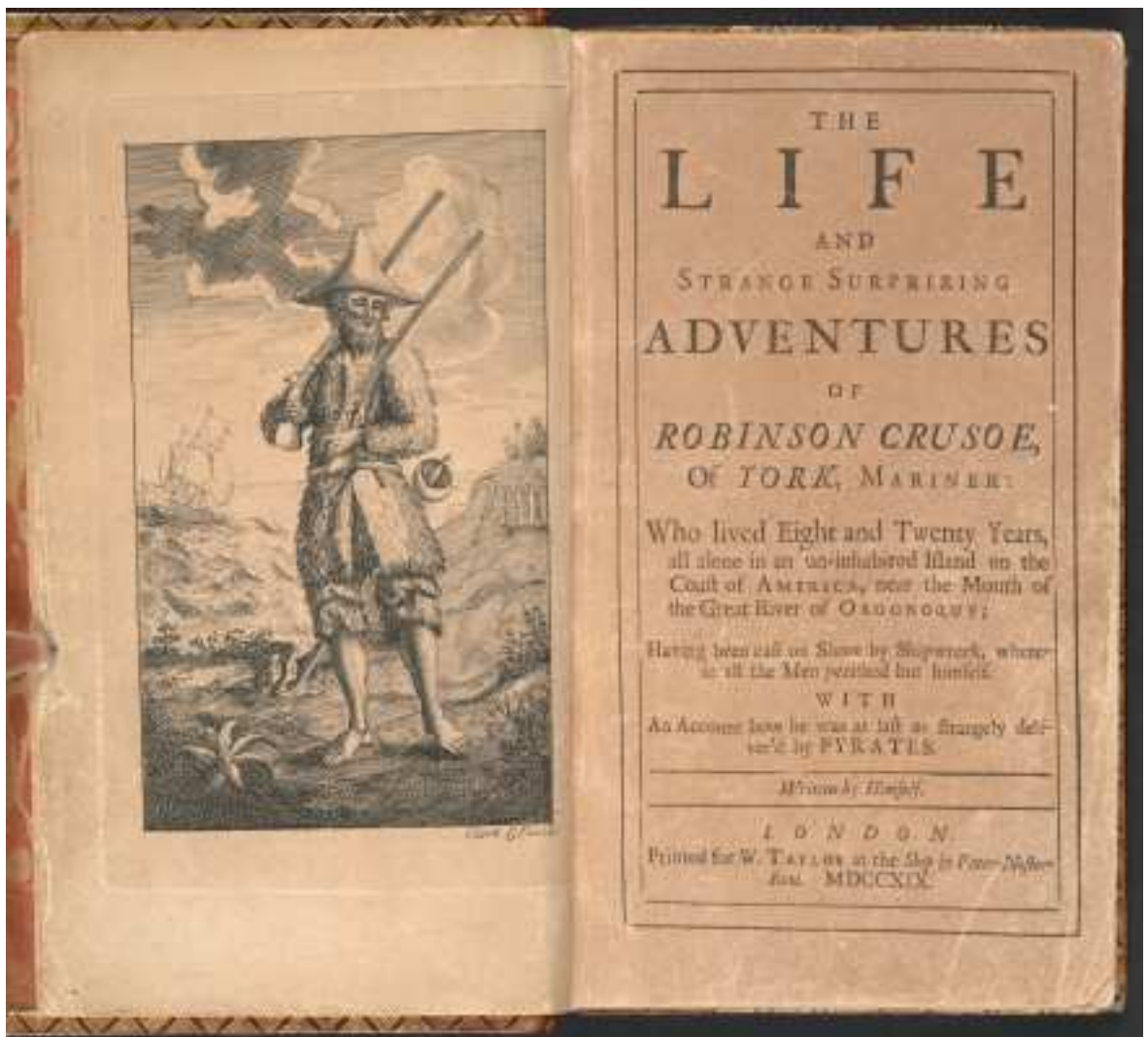
*The Description of a New World, called The Blazing-World* Margaret Cavendish  
(1623-1673)  
Inglaterra

A obra (1666) apresenta as experiências de viagem de uma jovem mulher a um outro mundo via Polo Norte. Um dos temas centrais do texto são as discussões da protagonista a respeito das bestas antropomórficas que habitam o Mundo Resplandecente.

*In:* <https://www.bl.uk/collection-items/margaret-cavendishs-blazing-world>

No entanto, cabe ressaltar que os frontispícios das ficções em prosa no início do século XVIII não representavam de forma genuína o autor da obra, pois uma boa parte dos romances e escritos experimentais era publicada de forma anônima ou pseudônima. O romance e as demais obras de ficção em prosa ficcionalizaram o retrato do autor, pois costumavam apresentar os personagens como narrador e autor em seus frontispícios. Essas ilustrações prévias apresentam guias interpretativas e autoritativas à ficção, aliando contexto visual à narrativa.





*Robinson Crusoe*  
(1719)

Romance escrito por Daniel Defoe (1660-1731), porém seu nome não aparece em nenhuma parte da obra. A história é apresentada como uma autobiografia de um marinheiro que viveu 28 anos em uma ilha inabitada. *In*:

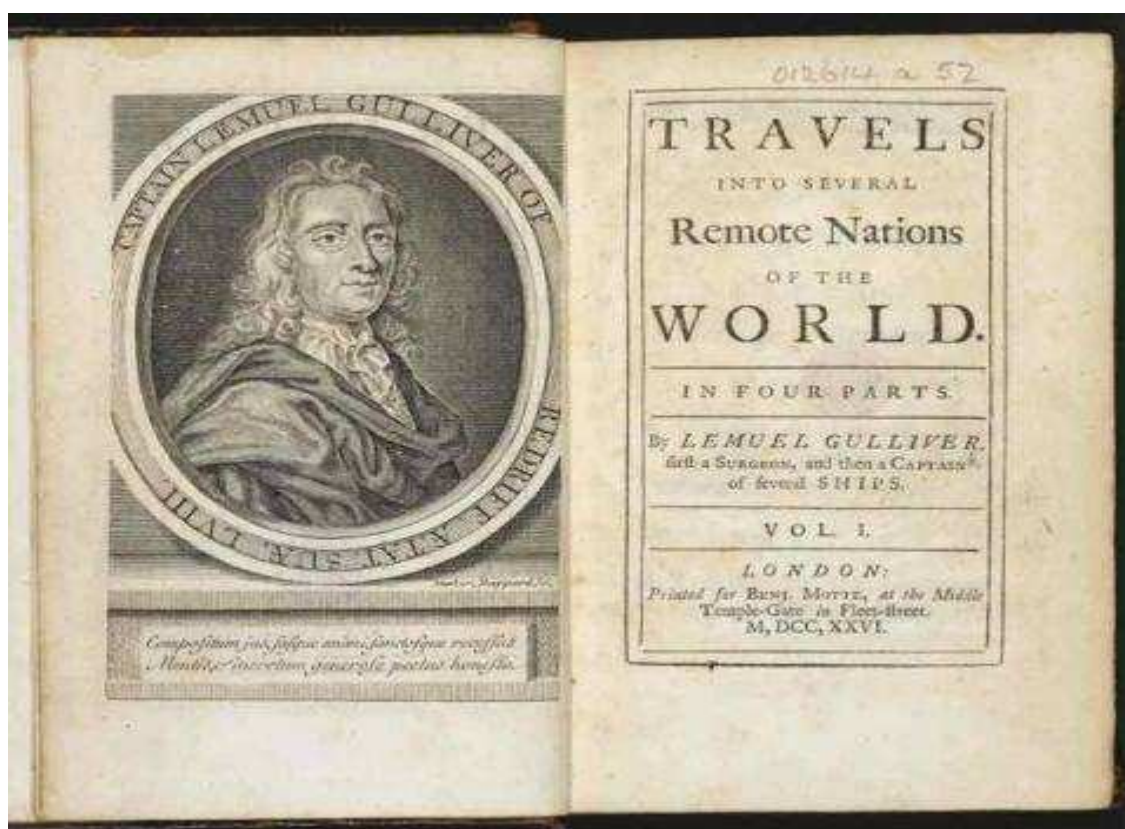
<https://www.bl.uk/collection-items/first-edition-of-daniel-defoes-robinson-crusoe-1719>

É o que acontece nas *Viagens de Gulliver*. Ao analisar os frontispícios da edição de 1726 publicada por Benjamin Motte é possível perceber que as convenções tradicionais que são utilizadas promovem a autoridade de Gulliver como o autor do texto. Ele é apresentado como um erudito, vestido com uma capa de veludo. A abreviação em latim revela a sua idade.



*Gulliver's Travels* (1726), publicada por Benjamin Motte. In: <https://www.bl.uk/collection-items/first-edition-of-gullivers-travels-1726>

O segundo frontispício já apresenta o autor como o *Capitão Lemuel Gulliver* e também destaca a sua idade. Seu diferencial é a inscrição em latim dos versos finais da *Segunda Sátira*, de Pérsio, um poema que descreve um homem genuinamente honesto:



Frontispício da segunda edição  
In: <https://journals.openedition.org/1718/531>

*Compositum jus, fasque animi, sanctosque recessus  
Mentis, et incoctum generoso pectus honesto.*

O direito e a lei divina em harmonia na alma, os sagrados retiros  
da mente e um peito mergulhado em generosa honestidade.

(Pérsio, *Sátira* II, 73-74. Tradução de Marihá Castro)

Em uma primeira leitura, esses detalhes podem passar despercebidos. Porém, ao olhar com atenção, é possível notar que o Gulliver que é apresentado como autor do texto nos frontispícios é diferente do narrador e personagem principal das *Viagens*. É durante o desenvolvimento da narrativa que a autoridade e veracidade que o frontispício concede ao texto são desfeitas. De acordo com Barchas (1998), o frontispício apresentado no início da obra não representa o Gulliver que, ao retornar à Inglaterra, após a viagem à ilha dos Houyhnhnms, não consegue ter contato com os demais indivíduos, nem mesmo os seus filhos e esposa.

Além dos frontispícios, um outro recurso paratextual e popular nesse período eram as cartas que antecediam o início da obra. Nela, o autor ou o editor do texto

apresentava um breve comentário a respeito da narrativa que viria a seguir. No caso de *Viagens de Gulliver*, o editor da obra louva a veracidade do autor das *Viagens* e destaca ainda o quanto Gulliver se distingue entre os seus por "falar a verdade":

Before he quitted *Redrif*, he left the Custody of the following Papers in my Hands, with the liberty to dispose of them as I should think fit. I have carefully perused them three Times: The Style is very plain and simple; and the only Fault I find is, that the Author, after the Manner of Travellers, is a little too circumstantial. There is an Air of Truth apparent through the whole; and indeed the Author was so distinguished for his Veracity, that it became a Sort of Proverb among his Neighbours at Redriff, when any one affirmed a Thing, to say, it was as true as if Mr Gulliver had spoke it.

(*Gulliver's Travels*, by Jonathan Swift. ed. Albert J. Rivero, 2002, p. 5)

Antes de partir de *Redrif*, confiou ele à minha Guarda os Papéis que se seguem, para que eu lhes desse o fim que bem entendesse. Já os li com cuidado três vezes: o Estilo é mui direto e simples; e o único Reparo que lhes faço é que o Autor, como soem ser os Viajantes, considera as coisas miudamente em excesso. Em toda a Obra há uma Aparência de Verdade; e de fato, o Autor era de tal modo reputado por sua Veracidade, que se tornou uma espécie de Provérbio entre seus vizinhos em Redriff, quando alguém afirmava algo, acrescentar: que era verdade tal como se o sr. Gulliver o tivesse dito.

(*As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Tradução de Paulo Henriques Britto, 2010, p.71)

Ao longo da leitura da obra, a veracidade que a carta do editor ao leitor concede ao texto também é desfeita. O comentário do personagem-editor não coincide com o que é contado por Gulliver ao longo da narrativa, pois as situações que ele enfrenta nos diferentes espaços percorridos fogem à realidade, apesar de nosso Gulliver afirmar constantemente durante a história que sempre está dizendo a verdade. É o que se pode ver na última viagem do personagem, à ilha dos Houyhnhnms, os cavalos sábios. Gulliver, ao retornar para sua casa, só quer conversar com os seus cavalos e não consegue sair dos estábulos, pois o convívio e o cheiro de seus familiares o lembra os Yahoos, criaturas selvagens e contrastivas com aquela

outra.

The first Money I laid out was to buy two young Stone-Horses, which I keep in a good Stable, and next to them the Groom is my greatest Favourite; for I feel my Spirits revived by the Smell he contracts in the Stable. My Horses understand me tolerably well; I converse with them at least four Hours every Day. They are Strangers to Bridle or Saddle; they live in great Amity with me, and Friendship to each other.

(*Gulliver's Travels*, by Jonathan Swift. ed. Albert J. Rivero, 2002, p. 244)

Meu primeiro Gasto foi com a Aquisição de dois Garanhões, os quais mantenho numa boa Estrebaria, e depois deles meu maior Favorito é o Palafrenero; pois sinto-me revigorado pelo Cheiro que ele traz da Estrebaria. Meus cavalos compreendem-me razoavelmente bem; converso com eles pelo menos quatro horas por dia. Não conhecem eles Brida nem Sela; vivem em grande Harmonia comigo e em Amizade um com o outro.

(*As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. IV, cap. XI. Tradução de Paulo Henriques Britto, 2010, p. 399)

E como os cavalos ingleses falariam o mesmo idioma dos Houyhnhnms, que de acordo com Didicher (1997) habitavam uma ilha próxima à região sul da Austrália? São minuciosidades como tais que mostram ao leitor uma das intenções narrativas do texto de Swift.



Mapa da Ilha dos Houyhnhnms, parte IV das *Viagens de Gulliver*.  
In: <https://www.bl.uk/collection-items/first-edition-of-gullivers-travels-1726>

*Viagens de Gulliver* enfatiza a discrepância entre a veracidade e a verossimilhança, pois desde o início o texto mostra que o que está sendo narrado não é o relato verídico das viagens de Gulliver à diversas nações remotas do mundo. Ao mesmo tempo em que descrições minuciosas são apresentadas, situações absurdas também acontecem. Gulliver não poupa nenhum detalhe para provar seu ponto e a organização da obra contribui para que tudo pareça verídico e factual: o frontispício, a carta do editor ao leitor, a localização das terras longínquas no mapa, as descrições das roupas utilizadas, da dieta de cada local, e da língua falada pelos habitantes desses espaços.

O que inicialmente chama a atenção do leitor no texto de Swift são as críticas relacionadas à Inglaterra e a outros países da Europa. Gulliver sempre estabelece relações entre as instituições de seu país e as instituições dos novos espaços por ele

visitados, mas também coloca em questão essa narração, que apesar de parecer verídica, é apenas um relato fictício e de contornos verossímeis. Swift, de acordo com Kareem (2014), satiriza essa cultura da exibição narrativa. O emprego de um modelo narrativo das histórias de viagem contribui para a construção dessa aparência de verdade, pois o narrador sempre expõe suas observações detalhadas a respeito do novo espaço, do costume e das práticas conviviais.

## 5. Considerações finais

*Gulliver's Travels* apresenta ao leitor não apenas uma narrativa de viagem a lugares distintos, mas gera uma reflexão a respeito dos homens e de seus costumes de acordo com as crenças que estão presentes entre os habitantes de um determinado espaço. Os hábitos e práticas que são enaltecidos no meio de um povo nem sempre podem gerar resultados satisfatórios em uma sociedade.

A influência das narrativas de viagem na obra de Swift mostra como esse gênero textual contribuiu para o desenvolvimento de diferentes histórias e relatos de viagem durante o século XVIII na Inglaterra, ao mesmo tempo em que também contribuiu para o incentivo à expansão marítima e territorial dos ingleses. Por meio da viagem, os indivíduos aprendem, descobrem novos espaços, mas também dominam e conquistam territórios.

O contato de Gulliver com diferentes culturas fez com que ele se voltasse cada vez mais para si mesmo. A partir do “outro” ele conseguiu refletir a respeito de seus hábitos, seus costumes e suas práticas sociais. O estranhamento inicial foi o ponto de partida para que a interação entre ele e o que era considerado estranho começasse a apresentar resultados, pois havia um esforço por parte do viajante em conhecer e compreender os novos ambientes por ele visitados.

A partir disso, não se pode esquecer do principal intuito do autor por trás de sua obra: satirizar os hábitos ingleses, as narrativas de viagem, que se pretendiam verdadeiras e apresentavam relatos que ultrapassavam os limites humanos, e um gênero literário que se popularizou ao longo do século XVIII - o romance inglês (*novel*).

O estudo apresentado nesta monografia corresponde ao levantamento inicial que foi realizado durante a graduação e está apenas no começo. Há ainda alguns tópicos que serão aprofundados em estudos futuros.



## 5. Referências bibliográficas

ADAMS, Percy G. *Travel literature and the evolution of the novel*. EUA: The University Press of Kentucky, 1983.

\_\_\_\_\_. *Travelers and travel liars 1660-1800*. Nova Iorque: Dover Publication, 1983.

ADDISON, J.; STEELE, R. Letter from a Liar. In: ADDISON, J. *The works of Joseph Addison*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1837, p. 204-206.

ARTHUR, Paul. Fictions of encounter: Eighteenth-Century Imaginary Voyages to the Antipodes. *The Eighteenth Century*, University of Pennsylvania Press, v. 49, n. 3, p. 197-210, 2008.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação Social. In: LEACH, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.

BALDO, M. *O mundo resplandecente, de Margaret Cavendish: estudo e tradução*. Dissertação de Mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

BARBOSA E CASTRO, M. *O programa satírico de Pérsio frente à tradição*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras - UFES. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

BARCHAS, J. Prefiguring genre: frontispiece portraits from *Gulliver's Travels* to Millenium Hall. *Studies in the novel*, John Hopkins University Press, EUA, v. 30, n. 2, p. 260-286, 1998.

BOSWELL, James. *Boswell on the Grand Tour: Italy, Corsica, and France*. Ed.. Frank Brady and Frederick A. Pottle. New York: McGraw-Hill, 1955.

BLACK, Jeremy. *The British and the Grand Tour*. EUA: Taylor & Francis, 1985. 33

BLANTON, Casey. *Travel writing: the self and the world*. New York: Routledge, 2002

CAPOFERRO, Riccardo. *Empirical Wonder: Historicizing the Fantastic, 1660-1760*.

Suíça: Peter Lang, 2010.

COOPER, A. Soliloquy, or advice to an author. In: COOPER, A. *Characteristics of men, manners, opinions, times*. Birmingham: John Baskerville, 1758, p. 153-364.

DEFOE, Daniel. *The Compleat English Gentleman*. ed. Karl D. Bulbring. London: David Nutt, p. 225-226, 1890.

DIDICHER, N. Mapping the distorted worlds of *Gulliver's Travels*. *Lumen*, Montreal, v. 16, p. 179-196, 1997.

EMPRIM, G. Appearance and reality in *Gulliver's Travels*. *Études irlandaises*, Caen, n° 15, p. 37-44, 1990.

FABRICANT, Carole. *Eighteenth-century travel literature*. In: RICHETTI, John. *The Cambridge History of English Literature, 1660-1780*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008.

FLOHR, Birgitt. *Representations of the "self" and the "other" in Eighteenth-century Literature*, 1997.

GOVE, Philip. *The Imaginary Voyage in Prose Fiction: A History of Its Criticism and a Guide for Its Study, with an Annotated Check List of 215 Imaginary Voyages from 1700 to 1800*. Londres: The Holland Press, 1961.

HIGGINS, Ian. A Lash for the World: Jonathan Swift's *Gulliver's Travels*. In: SEIGNEURIE, Ken. *A Companion to World Literature*. John Wiley & Sons, 2019.

HUNTER, J. Paul. *Gulliver's Travels and the novel*. In: SWIFT, Jonathan. *Gulliver's travels*. New York: W. W Norton & Company, p. 352-357, 2002.

- JOHNSON, Samuel. *Selected Poetry and Prose*. Eds.: Frank Brady and W.K. Wimsatt; Berkeley: University of California Press, 1977.
- KAREEM, S. *Eighteenth-Century Fiction and the Reinvention of Wonder*. Reino Unido: Oxford University Press, 2014.
- NUSSBAUM, Felicity. *Torrid Zones: Maternity, Sexuality, and Empire in Eighteenth-Century English Narratives*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- MATOS-AYALA, Stephanie. *British Essentialism in Eighteenth-Century British Travel Literature of the West Indies and North America*. Open Access Dissertations. 1768. [https://docs.lib.purdue.edu/open\\_access\\_dissertations/1768](https://docs.lib.purdue.edu/open_access_dissertations/1768) , 2018.
- MHEALLAIGH, Karen ní. *Reading fiction with Lucian: fakes, freaks and hyperreality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- MONTESQUIEU, Charles De. *The Spirit of the Laws*. Eds. Anne M. Cohler, Basia Carolyn Miller, and Harold Samuel Stone. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- ROBINSON, Christopher. *Lucian and his Influence in Europe*. Bristol: Duckworth, 1979.
- SANO, Lucia. *Das Narrativas Verdadeiras, de Luciano de Samósata: Tradução, Notas e Estudo*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas - FFLCH, USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- SEIDEL, Michael. Gulliver's Travels and the contracts of fiction. In: RICHETTI, John. (org.). *The Cambridge Companion to 18th century novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 72 - 89.

SHERBO, Arthur. Swift and Travel Literature. *Eighteenth-Century Literature, Modern Language Studies*, v. 9, n. 3, p.114-127, 1979.

SMOLLETT, Tobias. *Travels through France and Italy*. Ed. Frank Felsenstein, Oxford: Oxford University Press, 1979.

SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*. Tradução de Paulo Henriques Britto. Prefácio de George Orwell. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SWIFT, Jonathan. *Gulliver's travels*. Edited by Albert J. Rivero. New York: W. W Norton & Company, 2002.